

Complexo de cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault
Cinderella complex : The appearance of woman in Perrault's tale
Complejo de cenicienta: La imagen de la mujer en el cuento de Perrault

Ivaneide Vieira da Silva¹

RESUMO:

O presente trabalho consiste em investigar a imagem da mulher no conto “Cinderela”, de Charles Perrault, dando ênfase à questão do Complexo de Cinderela. Para isso tomamos como referência básica a obra de Colette Dowling, *Complexo de Cinderela* (1982), e para discorrer sobre o feminismo nos apoiamos em Simone de Beauvoir em seu conhecido livro, *O Segundo Sexo* (1980). Consideramos importante relacionar psicanálise e literatura, pois nosso trabalho visa entender ideologias que dão forma às figuras femininas, bem como os elementos da psique e seus arquétipos que influenciam e caracterizam o papel da mulher nesta sociedade patriarcal.

Palavras Chave: Políticas de gênero. Mulher. Literatura. Complexo. Cinderela.

ABSTRACT:

The work presented mainly consists in researching womans personalities in Charles Perrault's “Cinderella” tale, especially focusing the Cinderella complex. For that we based our work on Collete Dowling's book *Cinderella complex* (1982). Furthermore to complete and discuss about feminism we based on Simone de Beauvoir's book, *Le deuxième sexe* (1980) - the second sex. Considerly we took for important the relation between psycho-analisis and literature. In this sight our work try to analize and understand what kind of ideology forming womans personalities & figures. Also how psychic elements and archetyps take influence and how they characterize the position of woman in our patriarchal society.

Key-words: Gender politics. Woman. Literature. Complex. Cinderella

RESUMEN

El presente trabajo consiste en investigar la imagen de la mujer en el cuento “La Cenicienta”, de Charles Perrault, con énfasis en la cuestión complejo de cenicienta. Para ello se toma como referencia básica la obra de Colette Dowling, *Complejo de Cenicienta* (1982), y para discurrir el femenino nos basamos en Simone de Beauvoir, en su libro *El Segundo Sexo* (1980). Consideramos importante relacionar el psicoanálisis y la literatura, ya que nuestro trabajo

¹ Graduada do curso de Letras Língua Espanhola e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB

tiene como objetivo comprender las ideologías que dan forma a las figuras femeninas, así como los elementos de la psique y sus arquetipos que influyen y caracterizan el papel de la mujer en esta sociedad patriarcal.

Palabras Clave: Literatura. Psicoanálisis. Mujer. Arquetipos. Complejo. Cenicienta.

1 A IMAGEM DA MULHER: PONTO DE PARTIDA

1.1 ENTRE FATOS E MITOS

A história da mulher é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, em grande medida foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. Com base nisso, ao longo do tempo, o gênero feminino vem sendo oprimido de diversos modos tomando como justificativa, por exemplo, as características biológicas dos seres, isto é, o sexo.

Para a Bíblia, livro de maior tradução da antiguidade, a mulher é criada a partir de um pedaço do corpo do macho, Adão. O mito do Gênesis fala da pré-formação da fêmea, quando primeiro é formado Adão e depois Eva. Na visão religiosa, o mito da criação mostra a imagem da primeira mulher como um ser inferior e dependente. Essa condição se justificativa pelo fato de haver sido extraída de um sono profundo de nosso proto-pai, mostrando o varão como o ser superior em consciência, ficando a mulher, sendo parte de sua inconsciência (GENESIS 2: 21-22). Assim Adão, desde o princípio, é tido como perfeito e feito à imagem e semelhança de Deus, enquanto que a mulher se encontra pré-formada ao homem; sua existência e substância material dependem dele, pois esta fora feita de sua costela. Dessa forma, o Adão (homem) ficou sendo a causa final de Eva (a mulher), pois o propósito de vida para ela, segundo esse livro, é o de ser sua auxiliar (ajudante), tornando o homem a pré-condição da mulher e o fundamento de suas possibilidades (GENESIS 1: 26-27).

As fantasias da imagem feminina não se restringiam apenas ao fato de a mulher ser parte substancial do homem, a mesma visão de inferioridade se baseia em diferentes argumentos fisiológicos, pela simples alegação de a mulher possuir órgão genital interno.

Partindo do pressuposto da “fragilidade” física admitida às mulheres, associam-nas a uma debilidade mental fisiológica, principalmente pela anatomia cerebral. Segundo Paul Julius Moebius (1992 *apud* Hillman, 2000), partes do cérebro feminino são congenitamente inferiores comparadas com as correspondentes do cérebro masculino, para ele:

Las diferencias craneales entre los sexos, de igual forma que las existen entre las razas, deben ser equiparadas a diferencias mentales. Es suficientemente claro que la relación entre el cerebro y el cuerpo no es la misma en los dos sexos. Un hombre normal, aunque sea de talla pequeña, necesita una circunferencia craneana de al menos cincuenta y tres centímetros, mientras que a una mujer para manejarse de forma satisfactoria le bastan cincuenta y un centímetros. Así, para llevar a cabo sus objetivos vitales, a la mujer le basta con un cerebro contenido en una cabeza de cincuenta y un centímetros. Pero para los objetivos vitales de un hombre esa capacidad no es suficiente. Con cincuenta y un centímetros se puede ser una mujer inteligente, pero no un hombre inteligente (HILLMAN, 2000, p.284).

Deste modo, observar-se que a superioridade advinda da relação homem-mulher não se restringe apenas ao físico, âmbito mítico que atribui à inferioridade feminina também ao mental, com base na forma não racional de acesso à totalidade das coisas – mas sim, como se os órgãos sexuais femininos tornassem as mulheres “disformes e vergonhosas quando nuas”. Bourdieu (2002, p.32) comenta que:

[...] A ratificação social de fatos fisiológicos (a ereção, pensada segundo o esquema do “inflar” que permite pensar todos os fatos da fecundidade) conduz a fundar, numa razão mitológica, os traços mais arbitrários da denominação masculina, e a estabelecer, por exemplo, a ligação entre a virilidade física e a virilidade psíquica ou ética [...].

Pelos conceitos apresentados já se determina então, o dominante e o dominado e como as construções de valores a partir das características físicas estabelecem funções de gêneros sociais e psíquicos, isto é, a construção sociocultural, que atribui o homem e mulher papéis diferente dentro da sociedade, bem como serviu para propagar a ideia do corpo da mulher como elemento de desordem moral.

A mesma visão quanto à imagem da mulher segue fortemente na elite da Grécia antiga. Ali a condição social e política da mulher se diferenciavam dos direitos conferidos aos homens. Um de seus traços mais marcantes era a separação muito clara entre o mundo feminino e o masculino; a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que tão-somente esses executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Segundo Alves e Pitanguy (1982, p.11): “A afirmação de Platão expressa bem esta realidade: ‘Se a natureza não estivesse criado as mulheres e os escravos teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho’”. Como podemos comprovar a vida das mulheres acontecia no âmbito privado. Numa sociedade que prezava a intelectualidade, as discussões filosóficas, o belo, o gênero feminino ficava à margem dessa efervescência, deste universo de ideias e possibilidades, sendo seu destino limitado à tarefa domiciliar e à procriação.

Seu “ambiente natural” estava confinado ao lar, educando e gerando filhos, subservientes dos seus cônjuges e lhes prestando total fidelidade, estando assim limitado o

horizonte da mulher, excluída do mundo do pensamento, do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega, legitimando a inferioridade da posição social da mulher que ainda hoje exprime um tipo de argumento naturalista que continua demarcando espaços para os sexos. O matrimônio referente a aquele período, séc. IV a.C., era decidido e arranjado pelos pais, que cedo as casavam no início de sua puberdade. No entanto, na classe social mais baixa, a mulher usufruía de maior “autonomia”, devido à sua condição financeira precária, elas necessitavam trabalhar e administrar seu dinheiro e dentro desta camada a prostituição feminina tornara comum.

Essa concepção inferior da mulher em relação ao homem teve como respaldo grandes pensadores da época, como o filósofo Aristóteles. Segundo ele, no que diz respeito à sexualidade dos indivíduos a diferença é indelével, pois, independente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade (ARISTOTELES, 2006, p. 27). Tal percepção do filósofo, segundo Frias (2012), se embasou na noção de “ordem natural”, isto é, ele hierarquizou a natureza da alma, colocando o homem livre num plano superior ao da mulher que sofreria de uma carência e maturidade de espírito. Nessa assimetria ou contestação entre o feminino e o masculino, a mulher ficava incapaz de exercer qualquer outra função que não fosse a de obedecer ao seu marido, que seria responsável por trabalhar e governar a família².

Algo a ser acrescentado e que desmitifica um pouco a ideia de que a sujeição da mulher seja um destino irrevogável, a-histórico e universal, leva-nos à experiência da relação entre o masculino e feminino, na Gália e na Germânia, onde o regime comunitário designava às mulheres um espaço de atuação semelhante a dos homens. Da mesma forma, os cronistas europeus do século XVI, chegando à América, se surpreenderam com a relevância da posição da mulher entre os Iroqueses e Hurons; portanto houve sociedades que se diferenciavam do modelo de controle de um sexo sobre o outro na realização de tarefas ou nas tomadas de decisões.

Durante os primeiros séculos da Idade Média, especialmente a partir do século XIII em diante, elas gozavam de alguns direitos garantidos pela lei e pelos costumes. Entretanto com a introdução dos princípios da Legislação Romana, a igreja católica por meio da inquisição perseguia todos quantos fossem considerados uma ameaça às suas doutrinas.

²FRIAS, Daniel. N. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade**. São Paulo. Agosto de 2012. Disponível em < <http://filosofojr.wordpress.com>>. Acesso em: 24jun2015.

Ao relatar esse período composto pela Idade Média, é de suma importância deixar registrada a perseguição que se abateu sobre algumas delas, conhecido como a “caça às bruxas”. As que possuíam domínio de ervas medicinais para a cura de enfermidades, epidemias ou machucados, eram consideradas intuitivas nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, portadoras de um elevado poder social. Com ascendência espiritual da igreja e a contradição interna no pensamento da mesma no que concerne à posição da mulher, oscilando entre as figuras de Maria, exaltada, e Eva, denegrada, responsável pela queda do homem, prevalece à mentalidade eclesiástica e o tabu sexual. Neste contexto, tudo que a mulher tentava realizar por conta própria, era visto como imoralidade que se traduz na perseguição implacável ao seu corpo tido como fonte de malefícios.

Consideradas bruxas e pecadoras, pois, no ponto de vista da igreja medieval, elas profanavam contra as leis divinas com rituais que iam contra os seus preceitos, várias foram perseguidas e acusadas de feitiçaria, lançadas à fogueira, torturadas e exorcizadas. Diante de tantas mortes de mulheres acusadas por bruxaria durante a Idade Média, podemos verificar que o ocorrido poderia ter se tratado de um genocídio cometido contra o sexo feminino com a finalidade de manter o poder vigente.

Para se ter uma ideia, cada dez “bruxas” contava-se um bruxo e das que continuavam viva, submetiam-se a fortes repressões. Eram subjugadas e não podiam expressar sua sexualidade nem seu potencial criativo.

A inquisição não perseguiu tão somente a bruxaria, mas aos hebreus (considerados hereges), e ao contrário da perseguição ocorrida sobre a mulher-bruxa, foi registrada na história. Essa perseguição às “feiticeiras” é um dado histórico claro que demonstra a manutenção de uma posição de poder por parte do homem religioso. Quanto maior o número de mortes e controle sob as mulheres, melhor domínio se estabelecia sobre a sociedade, uma vez que é através delas que se gera a vida humana.

Na antiguidade, o mesmo ocorria com as consideradas históricas. A histeria era vista como uma doença orgânica de origem uterina e, portanto, especificamente feminina, que tinha a particularidade de afetar o corpo em sua totalidade. Considerada como doença das virgens e das viúvas e, sendo a mulher um bem de valor sexual e reprodutivo, compreende-se que os sintomas surgissem naquelas que não estivessem “cumprindo o seu papel”, e a terapêutica então, seria fazer o útero voltar ao seu lugar natural, e para isto, estavam indicadas às relações sexuais.

No entanto as históricas também foram rotuladas como feiticeiras, pois, tendo estabelecido “pactos com os demônios” na visão católica, passaram a ter poderes

especialmente sobre os homens. Tendo como a única forma possível de purificação, o fogo, dessa forma eram queimadas vivas diante do povo, como forma de alerta e represaria, já que a feitiçaria era vista como uma afronta ao clero.

Voltando à condição da mulher na Idade Média, renuncia-se à abordagem médica da histeria e a palavra em si quase deixou de ser empregada, as convulsões e famosas sufocações eram consideradas expressões de um prazer sexual e, portanto, um pecado. Segundo Pierre Kaufmann (1996 *apud* Vianna, 2014), a histeria passou a ser vista como possessão diabólica – uma vez que o cristianismo trouxe como valor a castidade e a abstinência sexual. Dessa forma, as reações apresentadas no corpo dessas mulheres foram atribuídas a intervenções demoníacas.

A mulher, então, passa da condição de bruxa para paciente. No entanto, sua natureza segue sendo culpável, pois o que antes era explicado por meio de forças satânicas, agora se converte em seu próprio útero, sua estrutura feminina, sendo o órgão sexual onde reside o defeito.

Ainda sobre a questão da histeria, somente no século XIX com os estudos de Sigmund Freud em parceria com Josep Breuer é que a forma de conceber esta enfermidade passa por uma revisão. Essa doença possibilitou não apenas a existência de uma clínica freudiana, mas também o nascimento de um novo olhar sobre a feminilidade.

Freud utilizou da hipnose na tentativa de buscar lembranças traumáticas relacionadas a cada um dos sintomas. A paciente deveria lembrar-se do evento doloroso e vivenciar as emoções que não havia podido expressar de forma adequada na ocasião.

Entre 1888 e 1893, o novo conceito forjado por Freud através da teoria da sedução, afirma que o trauma tinha causas sexuais, sublinhando que a histeria era fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância³. Ele comprova que a patologia se trata de um traumatismo psíquico decorrente de uma experiência sexual prematura, que surpreendeu o sujeito e a relaciona com uma intervenção sedutora de um adulto junto à criança.

Observa-se a peculiar inter-relação existente entre mulher, histeria e fantasia sexual, assim como o predomínio da mulher como fonte de análise, a consideração das fantasias sexuais como suposta raiz da histeria e as fantasias transferenciais como suposta raiz da psicanálise. Por que logo a mulher ficou sendo vítima da histeria? Segundo Hillman (2000), a histeria naquela época era um enigma aos médicos, não havendo nenhuma hipótese de

³Ler mais sobre em: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Disponível em: <<http://monoskop.org>>. Acesso em: 01 jul 2015. p.337

verdade. Não obstante, entende-se, pois, que se tratava de uma enfermidade até então imaginária, no intuito de manter o controle da sociedade e deixar à margem a quem fosse diagnosticado como ou com tal “problema”.

A imagem feminina remete a essa relação de poder e dominação que conhecemos, da imposição social que se baseia nas características físicas dos seres, consolidando uma sociedade machista advinda dessa visão não igualitária entre os sexos, que sempre intitulou a mulher como parte mais frágil.

Por esta razão, o termo mulher é duramente repellido do vocabulário feminista e principalmente das feministas pós-modernas que trazem em seu enfoque de estudos uma concepção que parte da ideia de que não há um modelo de mulher, dentro dessa categorização - ser mulher é diverso.

Conforme Alves e Pitanguy (1982, p.8): “É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada”. Essas autoras afirmam que o sexo é político, pois contém uma relação de poder, e o feminismo busca repensar e recriar a identidade do sexo de maneira a romper com os modelos políticos tradicionais, sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a padrões hierarquizados nem tão pouco às relações de poder que permeiam a vida destes em todas as dimensões.

O feminismo antes de 1970 utilizava o termo “mulheres” para discutir as causas universais da opressão feminina. Logo após, intimamente relacionadas às chamadas ondas femininas, a associação feminista faz uso do pluralismo, justamente como forma de provocação, pois essas são sujeitos diferentes, com demandas e intersecções diferentes e em níveis diversos. Esse desfecho traz uma significação mais ampla e uma discussão mais acirrada sobre a opressão feminina.

De acordo com Louro (1997), o feminismo é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes. As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Elas demonstraram, ainda, que o poder foi – e ainda é – predominantemente masculino, e seu objetivo original foi a dominação das mulheres.

O movimento feminista pode ser dividido em três ondas, tendo seu começo no século XIX até início do século XX, a segunda fase entre as décadas de 1960 e 1970 e a terceira na década de 1990 até os dias atuais.

A primeira geração ou primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, caracterizado como movimento liberal de lutas das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos. Teve seu começo nos Estados Unidos com o objetivo de lutar contra a discriminação das mulheres e a garantia de direitos, inclusive o direito do voto e na França, onde o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada, assumindo um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher.

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto, sendo que as feministas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Esse feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 60.

A segunda fase do feminismo (ou segunda onda) ressurgiu concomitante com os movimentos contestatórios da época, quando as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto que as feministas francesas postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres. Pinto (2010, p.16) afirma que:

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Enquanto que no Brasil, a autora registra como um momento de repressão total da luta política legal, sendo neste ambiente de regime militar e muito limitado pelas condições vividas na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970.

As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como o “feminismo da diferença”.

Influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França e com a ênfase das feministas quanto à questão da diferença, surge, então, o terceiro momento do feminismo ou terceira onda, cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade e da diversidade. Descola-se, então, o campo de estudo sobre as mulheres e sobre

os sexos para o estudo das relações de gênero. Essas diferentes propostas de características de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem, na contemporaneidade.

“O segundo sexo” é uma obra clássica é importante para analisar a visão da mulher não somente em seu momento. Simone de Beauvoir é uma autora feminista participante do mundo acadêmico e vai trazer questões que a mobilizavam, “contaminando” o fazer intelectual. Foi através de mulheres pesquisadoras e questionadoras como essa intelectual francesa que se romperam o silêncio da história e surgiram os estudos da mulher, ao discutir as convenções sociais estabelecidas às mulheres e construir uma trajetória marcada por rupturas, descontinuidade, avanços e acasos.

1.2 DIALOGANDO COM SIMONE DE BEAUVOIR

Um dos marcos do século XX foi à publicação de *O Segundo Sexo*, clássico da literatura feminista, em 1949. Escrito por Simone Lucie Ernestine Marie de Beauvoir, este livro é sem dúvidas uma das principais obras de referência nos estudos sobre a mulher e as relações de gênero.

Publicado originalmente na França quando a Europa ainda se recuperava das feridas abertas pela segunda guerra, o livro é um amplo tratado sobre a “questão da mulher” em sua perspectiva existencialista. De acordo com as descrições de Rodrigues (2014, p.3):

Simone de Beauvoir era professora, escritora, intelectual ativa e sua vida era dissonante em relação ao modelo de feminilidade da época. Fugindo de um casamento convencional e sendo uma das raras mulheres a atuar na área da filosofia, a trajetória de Beauvoir é uma evidência do conflito entre as representações femininas socialmente elaboradas e as transformações nas relações de gênero que afetavam diretamente a população feminina, apontando novas possibilidades de vida para além dos estigmas sociais.

Beauvoir ofereceu uma enorme contribuição para a cultura, pela sua obra teórica e literária, pela sua participação política nos acontecimentos sociais de seu tempo, assim como pela marcante figura. Rejeitando a existência de uma essência feminina, propunha-se a indagar onde a “feminilidade” é construída: nos mitos que dela forjam os homens, através das religiões, das superstições, das ideologias, das literaturas. A escritora francesa, constatando a realidade ainda imediata do mundo masculino, estudou cuidadosamente o destino tradicional da mulher, as circunstâncias do aprendizado de sua condição feminina e o estreito universo em que estava encerrada.

Para ela, a mulher tornou-se escrava da sua própria situação - o ser “realmente mulher”- estava padronizado na moça bem comportada, na esposa dedicada, com base na visão opressora ortodoxa que defendia que o dever da mulher seria submeter-se ao homem, perpetuando o inglório duelo entre o homem (o importante, o superior, o provedor, o racional) e a mulher (o sexo defeituoso, subjacente e, portanto, inferior - com pouca capacidade e discernimento para invenção e genialidade, ainda que venham a ter acesso às ciências e à literatura) como sexualmente diferenciada, prevalecendo, portanto, o mito do “eterno feminino”.

Em sua citação famosa que ganhou grande repercussão no mundo e se tornou conhecida principalmente entre as militantes feministas, Beauvoir mostra a luz da moral existencialista que acreditava na individualidade e liberdade autônoma do ser, considerando meios existentes e relevantes do ser humano de realizar dentro da condição feminina.

O afirma-se quanto indivíduo e a superação das circunstâncias que restringiram e ainda restringem a liberdade da mulher era uma das propostas libertadora da autora. Forjar por meios dos escritos, numa sociedade tão tendenciosa, novas possibilidades de um futuro, de outra civilização que não tenha nada a ver com o “comércio sexual” (a desigualdade e hierarquização entre os sexos) que por várias gerações se manteve justificado por meio dos aspectos biológicos. Ao constatar tal prestígio viril, Beauvoir declara que:

Ninguém se nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (2009, p.9).

Com esta citação a pensadora francesa quis afirmar que embora estejamos todos inseridos em contingências biológicas, tais eventualidades não perfazem uma essência, nem tão pouco consistem em determinações, o que nos leva a entender que uma mulher não nasce mulher, se faz mulher. A condição de ser mulher é uma construção, e por tanto, não surge do nascimento (nascemos fêmea ou macho); partindo do pressuposto de que todo ser humano deveria definir-se de maneira singular com liberdade autônoma. Ela observa também que a condição da mulher sempre esteve voltada ao resultado de uma elaboração cultural e histórica a partir de uma alteridade masculina, pois desde a primeira infância, a criança é separada por sexo, seja nas brincadeiras, na educação, nos valores ou comportamentos que lhes são inculcados. Dissertando contra o determinismo biológico da fêmea humana que lhe põe numa condição de mera sombra do homem, a autora explica que a mulher já se mostra como

sexualmente especificada e se apresenta ao mundo como o segundo sexo, como a oblíqua que se define a partir da reta vertical absoluta (o macho).

Esses valores incutidos nas diferenças biológicas entre os sexos transformam essa condição em atributos qualitativamente desiguais, constituindo o ser feminino no outro. O nascer “mulher” implica então, em um conjunto de prescrições que limitam e recortam sua possibilidade de constituir-se como sujeito.

Tal deformidade vivenciada pela mulher, segundo a filósofa, provém de uma educação altamente machista, envolto de um gineceu⁴ socialmente admitido, que determinam e organizam seus pensamentos, originários dos modelos oferecidos pela sociedade a partir dos julgamentos emitidos, do que se considerava bom, correto, desejável.

Embora a pensadora francesa em seu livro nos traga uma visão supostamente elitizada da mulher, existe uma pluralidade do feminismo até então não mencionada em seu livro. O movimento feminista revela um caráter plural, isto é, uma pluralidade feminina. Simone de Beauvoir discorria de uma fala até então, vista por uma demanda de mulheres brancas, europeias e de classe média. Porém, dentro desse universo “desprivilegiado” feminino dissertado pela autora, existiam aquelas que além de sua condição de mulher, possuíam outro marco que as desfavoreciam: Etnia (negras e indígenas), questões sócio demográficas (sem formação acadêmica e oriundas de países em desenvolvimento e ex-colônias europeias).

De acordo com Silva⁵ (2013, p.3), essas mulheres encontram no feminismo um jeito de dar espaço aos seus anseios como mulheres, todavia, suas inquietações não são iguais aos das mulheres brancas de classe média. A mulher negra além da opressão por ser mulher, sofre por pertencer a uma raça considerada inferior por diversos discursos. Trazendo uma série de acumulações que geram desigualdades sociais como: falta de acesso à educação, empregos de baixa renda, moradias marginais e em condições precárias. Logo as preocupações imediatas da mulher negra são com a alimentação, condução, enchente e não com a conquista de salários iguais ou o direito ao aborto, embora também tais reivindicações fizessem parte do seu cotidiano. Nessa mesma lógica, se encontram as mulheres indígenas (ainda que em menor número).

Percebe-se então que o constituir do “outro”, como coloca De Beauvoir, não se restringe a um único padrão de mulher, que abrange a sua pluralidade de sujeitos diferentes. O “outro” então pode ser o negro, o índio ou qualquer outra classe de seres que se inclinam para

⁴Associação de mulheres; Habitação destinada exclusivamente às mulheres na Grécia Antiga.

⁵SILVA, Ariana Maria Da. Disponível em: www.unicentro.br

fora do eixo verticalmente dominante. Em nome do sexo e da raça, ficam excluídos da ideia de igualdade, de forma irreversível – as mulheres, os negros, os índios ou qualquer outro tipo de minoria.

2 COMPLEXO DE CINDERELA – COLETTE DOWLING

O Complexo de Cinderela foi um termo utilizado pela primeira vez pela psicóloga Colette Dowling na década de 80, quando considerou como um fenômeno que se iniciava na infância e refletia por sua vez na fase adulta. Ela afirma que desde cedo “[...] as mulheres são ensinadas a crer que, algum dia, de algum modo, serão salvas.” Segundo ela, “esse é o conto de fadas, a mensagem de vida que ingerimos juntamente com o leite materno.” (DOWLING, 2002, p.13). Conforme exemplifica, essa crença vai se solidificando e quando a chega a fase adulta, a mulher desenvolve um sentimento de incapacidade e inferioridade, alimentando conflitos internos entre o profundo desejo de ser cuidada e protegida. A exemplo de muitas mulheres, a escritora foi educada a acreditar que sempre haveria alguém mais forte para protegê-la e afirma: “tudo na forma de sermos educadas continha a mensagem de que seríamos parte de alguma outra pessoa – que seríamos protegidas, sustentadas, alimentadas pela felicidade conjugal até o dia de nossa morte.” (DOWLING, 2002, p.11). No entanto, sua experiência de vida levou-a descobrir a mentira dessa promessa.

A partir de sua experiência pessoal, a autora define o Complexo de Cinderela como a dependência psicológica, o medo da independência, o desejo inconsciente dos cuidados do outro que mantém as mulheres subjugadas uma força motriz, isto é, a figura masculina. De acordo com ela a maioria dessas mulheres que sofrem esse complexo foram educadas de modo a não enfrentar seus próprios medos, a recuar diante dos desafios e como “cinderelas”, a estarem sempre pela espera de alguém para salvá-las, para resolver suas vidas. Com base nessas informações, a autora desse fenômeno descreve assim:

Denominei-a ‘Complexo de Cinderela’: uma rede de atitudes e temores profundamente reprimidos que retém as mulheres numa espécie de penumbra e impede-as de utilizarem plenamente seu intelecto e criatividade. Como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar sua vida (DOWLING, 2002, 26).

Colette Dowling une teorias psicológicas e psicanalíticas para demonstrar que muitas mulheres ainda se reconhecem “cinderelas” ao rejeitar, inconscientemente, suas

responsabilidades perante a vida e ao pensar que a solução de todos os problemas depende de encontrar seu “príncipe encantado”, como se fossem incapazes de salvar a si mesmas.

Essa rede de atitudes e temores, como afirma a psicóloga, são identificadas como: medo, insegurança, a incapacidade e inferioridade que tornam-se obstáculos impossibilitando a autossuficiência para seguir suas próprias vidas, seja em trabalhos, estudos ou qualquer tipo de realização plena. Atributos como passividade, dependência e principalmente autoestima baixo são sinais que repetidamente diferem os homens das mulheres. Segundo a autora há apenas uma explicação, desde sempre, os homens foram criados para autossuficiência como que esse bem lhes fora agraciado pela natureza, mas a verdade é que a autossuficiência é um produto de aprendizagem e treinamento. E não um prêmio concedido para apenas uma das partes do gênero.

De acordo com suas análises, a dependência tanto para homens como mulheres até certo ponto é normal, o problema segundo ela, é que “desde pequenas as mulheres são incentivadas a uma dependência doentia” (DOWLING, 2002, p.13). A mulher que se autoanalise perceberá quão destreinada fora para sentir-se confiante perante a ideia de cuidar de si mesma ou afirmar-se como pessoa e defender-se.

Essas mulheres as quais Dowling descreve, embora alcancem um grau de êxito em suas vidas, seja em suas carreiras profissionais ou se sintam bem sucedidas, no fundo ainda, mesmo que externamente se comportem como monumentos de autoconfiança, se sentirão inseguras. Independentemente da tentativa dessas mulheres em viver ou se comportar de forma adulta, sempre haverá uma criança dentro de cada uma delas, aterrorizadas pela necessidade psicológica de evitar a independência.

A busca para a independência emocional é um caminho árduo e doloroso para estas mulheres, uma vez que este descobrimento é individual e solitário. No entanto, a mulher que o encontra, sente-se livre emocionalmente e os ventos da mudança atravessam as portas do seu espírito feminino. Já estão aptas a entender que na verdade já reside dentro do coração de todas elas. Aprendem sozinhas que a liberdade e a independência são ativamente desenvolvidas desde dentro e não através do outro, a partir do momento em que enfrentam seus próprios conflitos e buscam suas próprias soluções, maior liberdade e força ganham. E que ao invés de esperar que “algo aconteça” – de que o príncipe encantado apareça, elas mesmas podem efetivamente se tornar esse “príncipe realizador” (Dowling, 2002, p.200). Para alcançar essa tão desejada independência emocional terão que renunciar os amuletos da dependência que as deixam tão seguras, e só desta maneira serão capazes de acreditar em si mesmas e finalmente amar o outro porque amam a si mesmas.

2.1 CINDERELA: DO CLÁSSICO AO MODERNO

De acordo com Corso e Corso (2006) das três versões mais famosas, a cinderela francesa é a que possui melhor síntese e a que melhor amarra os elementos da história. A tão conhecida versão de Charles Perrault é chamada de *Cinderela* ou *O Sapitinho de Vidro*, cuja protagonista da história é uma menina que teve seu destino atrelado a uma madrasta que a maltratava e duas irmãs postiças invejosas. O nome Cinderela está atribuído a cinzas, originária da palavra “borralho”, em inglês, esse nome originário ao conto faz alusão às cinzas do fogão e ao fato da personagem habitar entre as cinzas.

Mendes (2000) afirma que os contos de fadas exercem uma função bastante relevante, eles conseguem transmitir valores sociais para perpetuar ideologias, padrões morais da classe dominante, os burgueses, à classe dominada. Sobre esse fator a autora declara que:

Entre os arquétipos do inconsciente coletivo estão o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos deuses e demônios. Todas essas imagens e figuras arquetípicas estão nos mitos e contos de fada, embora não sejam percebidas racionalmente pelos ouvintes e leitores. E é exatamente e evidentemente porque não se dirigem ao consciente racional que essas imagens se conservam e se transmitem por muitos séculos, preservando a estrutura primeira da narrativa (p.35-36).

Com base no que diz a autora e fazendo uma análise quanto ao comportamento de Cinderela, a protagonista do conto de Perrault percebe-se que não apenas na personagem como na narrativa em si, são transmitidos valores burgueses do tipo ético e religioso. Segundo Bettelheim (2002), a borralheira de Perrault é adocicada com uma bondade insípida e que não tem nenhuma iniciativa. O casal Corso e Corso (2006), concordam com Bettelheim, pois, para eles, comparativamente, parece que a Cinderela dos Grimm é mais travessa e menos compassiva, precisa plantar e regar a árvore de onde provém a boa magia e é menos atenciosa com sua algoz. O casal declara que:

A história de Perrault sintetiza melhor toda a trama, é um roteiro mais eficiente [...] que não se perde a sequência essencial: a boa alma, companheira da beleza, encontra o devido reconhecimento apesar dos trapos que a ocultam (CORSO; CORSO, 2006, p.110).

Entende-se, pois, que a Cinderela francesa é a imagem típica da tradição matriarcal, que projeta um modelo de passividade feminina. De acordo com nas narrativas de Perrault as qualidades consagradas de uma mulher exemplar estão na bondade, submissão e

obediência, paciência, aceitação de uma situação dada, compaixão e generosidade. O conto logo ao iniciar, já evidenciam descrições dos atributos admitidos à imagem da mulher para o autor: “O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo” (TATAR, 2013, p.47).

Cinderela é uma personagem frágil e dependente e com o decorrer da história sabemos que a pobre menina suporta tudo com muita paciência apesar das humilhações que sofre das irmãs e da madrasta; as entrelinhas nos deixa evidente que ela é uma jovem mulher que está no topo de todas as virtudes. Embora estivesse vestida de trapos, seus traços e “comportamento” a distinguiam como nobre.

Esses atributos femininos de doçura, obediência e infinita bondade estão à disposição de um homem que os reconheça e se case com ela. Mendes (2000, p.45), reforça essa ideia dizendo que: “Em *Cinderela* permanecem vivos os ideias da sociedade patriarcal: a criança e a mulher devem ser submissas, o poder deve ser divino e masculino”.

Embora nos dias atuais as mulheres já não precisem sair de casa no dorso do cavalo de um príncipe, a permanência dessa história em contexto atual é curiosamente extemporânea, pois esse conto permanece como uma fonte de fascinação, perpetuando fantasias e modelos acerca do amor e do casamento.

As “cinderelas modernas” seriam a versão repaginada da personagem do mundo encantado das fadas. Diferente da Cinderela de Perrault, a figura da mulher do século XXI é de autossuficiência, autônoma e independente, capaz de desempenhar diversas funções e assumir a posição no trabalho que lhe compete, assim como, conquistar graus mais elevados. No entanto, permanecem heroínas por assumirem vários papéis, sejam dentro e fora de casa, exercendo-os com muito esmero. Mesmo após tantos anos de lutas e avanços por seu reconhecimento quanto indivíduo e integrante da sociedade, as mulheres de hoje, ainda se deparam com o dilema entre ser a Cinderela frágil, meiga e desprotegida ou a mulher independente e bem resolvida.

Para Mendes (2000, p. 129): “Perrault conseguiu nesse conto retratar, com os requintes da arte literária, o modelo de comportamento feminino esperado pela sociedade machista”. De acordo com a autora:

Se as fadas são o símbolo do poder feminino, as princesas e as camponesas que se tornam princesas são o símbolo da fragilidade, que deveria caracterizar as mulheres terrenas, seres humanos submissos às contingências do destino e à moral determinada pela sociedade. O poder divino das fadas e o poder masculino dos príncipes deveriam comandar a sua vida (p.130).

Percebemos com essas personagens femininas que Perrault foi magnífico em quanto a suas descrições ricamente elaboradas, deixando claro que, a imagem da mulher ideal deveria ser bem definida para que não pairasse dúvidas quanto ao seu papel social. Essa história, objeto de nosso estudo, traduz muito bem esse ideal coletivo, essa fantasia e idealização na mente feminina de encontrar o homem perfeito para dar sentido à sua vida. Zatz (2014) declara que a trajetória da personagem traduz uma espécie de arquétipo fundamental, traduzido em anseio natural da psiquê feminina da contemporaneidade: a de ser reconhecida como especial, encontrar seu “príncipe encantado” e ser feliz. O que nos ocorre ao que foi dito por Simone Beauvoir (2009, p.165): “Em sua maioria ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser”. Sobre essa mesma abordagem, Colette Dowling discorre que:

Fomos criadas para depender de um homem e sentirmo-nos nuas e apavoradas sem ele. Fomos ensinadas a crer que, por sermos mulheres, não somos capazes de viver por nossa conta, que somos frágeis e delicadas demais, com absoluta necessidade de proteção. De forma que agora, na era da conscientização, quando nossos intelectos nos ditam a autonomia, o emocional não-resolvido derruba-nos (DOWLING, 2002, p.25).

A psicóloga nos explica que esse desejo inconsciente dos cuidados de outrem está intrinsicamente ligado ao fenômeno denominado por ela mesma de: Complexo de Cinderela. Sobre esta questão Diana e Mário apontam que: “A vida das mulheres mudou, mas a construção da identidade feminina ainda requer que ela se disponha a desempenhar um certo papel para uso da fantasia masculina” (Corso; Corso, 2006, p.114). Dessa forma, entende-se que embora a mulher se mostre forte e capaz no mundo, Cinderela será qualquer mulher que ainda carrega em seu imaginário o incomparável pezinho como um sinal de virtude extraordinária, distinção e beleza que se encaixam perfeitamente ao “sapatinho de cristal” – o receptáculo pequeno, isto é, as fantasias e o imaginário masculino. Assim entendemos que das influências que o conto de Perrault possa ter sobre o estereótipo feminino é que a mulher alimenta o sonho de que um dia encontrará um homem perfeito, que a tirará da posição de gata borralheira, na certeza de que ele irá salvá-la da solidão ou de qualquer problema. Por um lado, o conto tem o mérito de provocar uma reflexão: o papel da mulher no mundo concreto, por outro, não podemos negar que a frase “Feliz para Sempre” traz uma mensagem implícita do amor eterno que a maioria das mulheres carrega em seu inconsciente.

CONCLUSÃO

O estudo concluiu que embora essa imagem que há sido nutrida e transmitida ao longo dos séculos pela cultura patriarcal, que exalta os atributos masculinos e desvaloriza os femininos, conseguiu influenciar na formação das mulheres resultando na ausência de conhecimento daquilo que lhes é mais estimado: sua essência feminina. Quando as mulheres assumem uma posição de dependência no plano emocional do masculino, acreditando que somente ocupam uma posição importante na sociedade quando se vinculam a um homem, perdem sua autonomia. Assim que, se desviam do caminho que poderia possibilitar mudar essa história, esquecendo que o instrumento para tal “libertação” seria o emancipar-se desde dentro.

A mulher que se liberta dessa visão opressora, tem mobilidade emocional e uma ampliação de sua autoconfiança que deriva de uma avaliação realista de suas potencialidades, que as permite sentir os ventos da mudança que atravessam as portas de seu espírito feminino que na verdade já reside dentro de cada uma delas – o reconhecimento de suas capacidades ilimitadas. Assim podemos concluir que mesmo reconhecendo que a mulher conquistou alguns lugares de destaque na sociedade historicamente dominada pelo homem, ainda existe um longo caminho a ser trilhado para a real libertação das forças opressoras e para eliminar com as desigualdades entre os gêneros. Acreditamos que o primeiro passo para que isso ocorra é começar com mudanças desde dentro delas mesmas, no aspecto psíquico, ou seja, de fora para dentro. A mulher deve tomar consciência de suas potencialidades e lutar contra qualquer tipo de dependência emocional ou econômica do masculino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é o feminismo**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARISTOTELES. **A Política**. [Tradução de Roberto Leal Ferreira]. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, v.2.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Bíblia Sagrada. [Traduzida por João Ferreira de Almeida]. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOECHAT, Walter. **Mitos e arquétipos do homem contemporâneo.** 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã:** psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela.** [Tradução de Amarylis Eugênia F. Miazzi]. 53ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

FRIAS, Daniel. N. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade.** Café com Filosofia – PHIPSI. São Paulo, Agosto de 2012. Disponível em: <<http://filosofojr.wordpress.com>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

HILLMAN, James. **El mito del análisis.** [Tradução de Ángel González de Pablo]. Madrid: Eddiciones Siruela, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos:** o significado das funções femininas no conto de Perrault. São Paulo: UNESP, 2000.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, Junho de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf>>. Acesso em: 09 set. 2015.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher.** Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 14 abr. 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães]. Edição Brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Ariana Maria da. **Gênero versus mulheres versus mulher:** as ondas do feminismo no cone sul e a construção historiográfica da história das mulheres. Laboratório de História Ambiental e Gênero de Pós-Graduação em História e Regiões/DEHIS/UNICENTRO. Anais Eletrônico do I Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. Junho de 2013. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

TATAR, Maria. **Contos de fadas.** Edição comentada e ilustrada. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.44-59.



VIANNA, Ana Cristina de Araújo. **Um olhar sobre a histeria:** reflexões e questionamentos. Disponível em: <www.cbp.org.br>. Acesso em 10 jul. 2015.

ZATZ, Daniely Melo D. **Cinderela:** estereótipo feminino no contexto do casamento/amor romântico. (En)Cena. Centro Universitário Luterano de Palmas - CEUL/ULBRA. Tocantis, Janeiro de 2014. Disponível em:< <http://ulbra-to.br>>. Acesso em: 22 set. 2015.